

O Navio Fantasma de Schlingensief – assimilação cultural

O jornalista alemão Klaus Billand, que há muitos anos acompanha as principais montagens de Richard Wagner no mundo, escreve sobre *O Navio Fantasma* do XI Festival Amazonas de Ópera

Christoph Schlingensief, o polêmico diretor alemão que desde sua pouco convencional encenação do *Parsifal* de Wagner no Festival de Bayreuth de 2004 desencadeou uma interminável onda de controvérsias sobre os limites do teatro de direção nas óperas de Wagner, apresentou agora, no XI Festival Amazonas de Ópera (FAO), sua segunda montagem wagneriana, *O Navio Fantasma* (veja também comentário na página XX da edição de maio da Revista CONCERTO). Foi um acontecimento cultural de grande importância, e não apenas para Manaus. As ondas do imenso Rio Negro levaram essa novidade exótica até os principais centros do *mainstream* operístico da Europa, gerando detalhadas reportagens nos mais importantes programas culturais da televisão em língua alemã. É lamentável que esses programas, assim como os principais jornais alemães e emissoras de rádio, apenas enviassem seus correspondentes a Manaus em razão da presença de Schlingensief, já que desde 1997 o Teatro Amazonas abriga o mais importante festival de ópera ao sul do Equador. Ali, desde então, é realizado um sério trabalho artístico sob as mais difíceis condições financeiras. Por conta da cobertura jornalística do *Navio*, finalmente a Europa tomou conhecimento, em uma escala maior, que em 2005 Manaus encenou a primeira produção brasileira do *Anel do Nibelungo* – apresentando-a logo duas vezes, ciclicamente, como em Bayreuth. Naquela oportunidade esperava-se que o *Anel* do Amazonas seria interpretado seguindo uma estética de selva e índios da *Il Guarany* de Carlos Gomes, isto é, incorporando elementos regionais de natureza, cultura, mitos e lendas.

Isso, contudo, não ocorreu em 2005. Foi Schlingensief que nos trouxe, de forma categórica em seu conceito artístico, uma assimilação do conteúdo do *Navio* com a história e modo de vida, assim como tradições, mitos, esperanças e medos das pessoas que ali vivem. Aberto e disponível, ele fez – após sua chegada ao Brasil e nas longas 8 semanas em que permaneceu na região amazônica – exatamente o que um estrangeiro em seu lugar deveria fazer: esquecer o seu próprio passado cultural, abrir olhos e ouvidos, absorver sem filtros a autenticidade das informações

de todas as camadas da população e, não por último, estudar de forma profunda a região e suas peculiaridades especialmente ricas. Depois, no trabalho artístico, deixar muito espaço para que os participantes pudessem desenvolver as suas próprias idéias e as suas próprias improvisações.

Tudo isso exige um alto grau de sensibilidade artística, competência social e capacidade de compreensão, atributos que não são naturais no trabalho criativo de diretores de ópera europeus no Brasil. O prêmio para Schlingensief foi – após um início nada fácil – a mobilização imprevista dos profissionais locais e a sua motivação, que levou a um desfile impressionante até mesmo para Manaus das escolas de samba em torno do *Navio* e até mesmo no Teatro Amazonas. Schlingensief logrou, no âmbito de seu amplo teatro de associações, uma simbiose notável do conteúdo do *Navio* com a arte nacional popular do samba do Rio, passando por mitos e rituais regionais até o Boi Bumbá de Parintins.

Apesar da esperada leitura não convencional, o *Navio* de Schlingensief é mais concludente e encenado muito mais próximo à obra do que o seu *Parsifal* de Bayreuth. Ele e seu dramaturgo Matthias Pees conseguiram, por meio de uma intensa dramaturgia, suspender praticamente na totalidade a segmentação dos diversos números do *Navio Fantasma*. Com isso, eles praticamente antecipam o conceito da obra de arte total – que Wagner só mais tarde desenvolveria em todo seu potencial – no âmbito da direção cênica. Com essa integração dos “números” no especialmente intenso fluxo sequencial de ações, Schlingensief de certo modo substituiu, no *Navio* de Manaus, a “melodia sem fim” de Wagner pela “história sem fim”...

Oxalá a assimilação da direção teatral musical européia com a cultura sul-americana lograda com sucesso em Manaus possa se tornar também uma “história interminável”. Christoph Schlingensief mostrou, como poderia ser. Os dois ambientes culturais só teriam a ganhar. ♦

Klaus Billand é jornalista da revista austríaca “Der Neue Merker”, de Viena (www.der-neue-merker.at)